

A Arte Inquieta

por Luana Medina / 2014

É uma pena que a concepção a respeito de quem seria um artista tenha mudado tanto, pois Fernanda Galvão estaria muito bem ambientada se ainda acreditássemos que ele é aquele ser distinto, que tem praticamente estampado na testa a sua profissão.

Quando entra no recinto, é impossível não notá-la. Desastrada; acaba esbarrando nas coisas e pessoas ao seu redor, e em seu trajeto quase nunca está sozinha ou falando baixo. Inquieta, sempre ocupa suas mãos com atividades frívolas, enquanto tenta concentrar-se naquilo que, de fato, deveria estar fazendo. Artista, passou a sua vida rodeada por pessoas e experiências que muniram toda a sua obra, até o dia de hoje.

No momento em que a entrevistei, Fernanda, com medo do rumo que nossa conversa tomaria, não conseguia manter-se quieta. Cada vez que falava, passava suas mãos pelas costas, quase que se protegendo, além de pentear com os dedos seu curto cabelo encaracolado, que naquele dia estava ruivo. Sim, ela já teve muitos tipos de cabelo, chegando até a passar pela cor branca, quando se animou por falarem que seu rosto suscitava a memória da icônica Marilyn Monroe. Também naquele dia, seu cabelo tinha um de seus lados raspados, fazendo com que seu longo brinco chamasse atenção. Esse brinco também serviu bastante para acalmar seus ânimos. Fernanda mexia nele constantemente, fazendo com que fizessem suaves barulhinhos simpáticos, como o de um pequeno sino que não para de bater.

Com apenas 15 anos de idade, a artista já era do tipo de garota que chamaríamos de rebelde, como ela mesmo descreveu-se. Eu, curiosa após ouvir essa palavra, perguntei:

–Mas rebelde em que sentido?

–Ah, eu estava numa fase muito rebelde... Eu era praticamente uma adolescente demônio – disse ela, acompanhada de risadas.

Fernanda não conseguia adequar-se a sua escola e estava sempre presente na vida noturna paulistana, com muito do que ela pode trazer de bagagem. Seu contato, até então, com a arte ocorreu com o incentivo de sua mãe, e curiosamente de uma empregada, que a acompanhava durante as tardes em seu ateliê (um quartinho no quintal de sua casa no bairro do Morumbi). Ainda nova, no entanto, diagnosticada com sarcoma, foi obrigada a encarar os desafios do câncer, sem saber, que, mesmo depois de curada, provavelmente retornaria a encontrá-lo.

Passou, depois desse desafio, um ano no Canadá, pensando que lá poderia amadurecer. Mas, no intercâmbio, acabou sendo expulsa de duas casas e, eventualmente, da própria escola vinculada ao processo. No entanto, enfim, a terceira casa que a acolheu foi a de um casal mais flexível e interessante, uma mulher, artista plástica, e seu marido, músico. Eles, e o seu namorado canadense, Kyle, acabaram incentivando um mergulho um pouco mais denso na arte, fazendo com que ela seguisse experimentando com a pintura e passasse a explorar, também, o estêncil e a fotografia.

Pedi que Fernanda me mostrasse alguns dos trabalhos que produziu nessa época, mas ela, junto de Kyle, decidiram fazer algo que hoje ela percebe ter sido uma intervenção artística. Eles abandonaram suas pinturas em uma pista de skate no Canadá. Logo, todas sumiram. “Acho que alguém pegou. Ou sei lá, jogaram fora... Mas eu prefiro acreditar que alguém pegou”.

Com 17 anos, já estava de volta a São Paulo, mas não longe de suas loucuras. Seu próximo namoro, apesar de ter durado pouco tempo, rendeu muitas histórias, desde o princípio. Lars havia nascido na Alemanha e chegado ao Brasil após conhecer muitos outros países, criando em Fernanda uma ânsia por viajar. Por isso, ela decidiu passar alguns dias percorrendo praias do litoral de São Paulo e chegou até a decidir ir morar no Rio de Janeiro por um curto espaço de tempo. Em meio a isso, entrou em contato com novas referências de artistas que reapareceriam em suas obras mais adiante, tais como Klimt e Frida Kahlo, com a qual Fernanda criou um vínculo ainda maior do que o da arte. Essa época de sua vida foi repleta de pequenas aventuras, que mesmo não tendo durado muito, a fazem rir muito até hoje ao lembrá-las.

Quando, por exemplo, ela e Lars foram para Bertioga, Fernanda viu, logo na entrada da cidade, gaiolas cheias de pintinhos. Então, como instinto, pensou que deveria salvá-los da morte. Aproveitou um momento de distração do senhor que os vendia, pegou um e correu para o ônibus de volta para São Paulo. Mas o pintinho “durou três dias, porque eu o matei esmagado com a porta. Mas, enfim, era a Frida. Durou pouco”.

Assentamento

Depois dessa fase, a artista começou a se dedicar mais às artes, fazendo aulas de pintura no ateliê de sua tia, com a professora Olívia Amaral, e começando a se interessar por padrões, como os do próprio Klimt e os de Beatriz Milhazes. E quando, então, o câncer decidiu voltar para a sua vida, sua ligação com a pintura estreitou-se. Fernanda encontrou apoio na biografia de Frida e chegou até a levar malinhas com material de pintura para suas sessões de quimioterapia no hospital.

O quadro *Corpo que habito* é um dos únicos dessa época que resistiu ao crivo de Fernanda. Em uma das mãos da pessoa representada, a artista sutilmente pintou um objeto que corresponde a um dispositivo de morfina que usava quando sentia dor enquanto estava no hospital.

Mas, mesmo nessa época, a artista não perdeu o hábito de sair com os amigos à noite. Em uma delas, um homem a chamou para dançar valsa em um momento inesperado e fez com que ela encontrasse o mais recente de seus namorados, Claudio. E foi ele quem a apresentou para aquela que representaria o próximo passo em direção a sua carreira, Ana Elisa Egreja.

Fernanda passou, então, a assistente da pintora e expandiu seus interesses. Ampliou seu conhecimento em Photoshop e aprimorou sua técnica, descobrindo novas temáticas que passou a incorporar em suas próprias obras. Como a representação de animais, com os quais ela criou um vínculo muito intenso, pois acredita que a sociedade tende a oprimir aquilo que eles têm em comum com os seres humanos. De acordo com ela, as sociedades modernas tendem a adestrar as pessoas, fazendo com que seus comportamentos condicionados as tornem todas iguais, coisa que não ocorre com os animais, repletos de instinto e liberdade.

Para completar, então, decidiu entrar na universidade de artes FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) e passou a ser incentivada a reflexões a respeito do que realmente seria o que a motiva a criar.

Os padrões de Beatriz Milhazes e Klimt estão evidentes sem máscaras para quem quiser ver, assim como os bichos de Ana Elisa aparecem a partir de releituras da temática. Assim, Fernanda encontra-se, hoje, em um embate sobre como deve explorar suas referências, que sempre influenciaram o seu anseio pela produção artística. Seja de maneira direta ou indireta, suas obras mostram como o universo que rodeia o artista é sempre matéria-prima para suas criações, sem que

as pessoas ao nosso entorno sejam excluídas dessa lógica. Afinal, não se discute até hoje quem foi o precursor dos elementos do cubismo? Picasso ou Braque?